

**Kazuo
ISHIGURO**

**OS DESPOJOS
do
DIA**

TRADUÇÃO · Fernanda Pinto Rodrigues

FICÇÃO · ROMANCE

Em memória de Mrs. Lenore Marshall

PRÓLOGO: JULHO DE 1956

Darlington Hall

Parece cada vez mais provável que empreenderei, realmente, a excursão que há alguns dias anda a preocupar a minha imaginação. Excursão, devo dizer, que empreenderei sozinho, no conforto do Ford de Mr. Farraday, e que, segundo prevejo, me fará percorrer uma grande parte da mais bela região rural da Inglaterra até ao West Country e me poderá manter ausente de Darlington Hall por cinco ou seis dias. A ideia de uma tal viagem surgiu, cumpre-me salientar, de uma amabilíssima sugestão que me foi feita pelo próprio Mr. Farraday, certa tarde, há uns quinze dias, estava eu a limpar o pó aos retratos da biblioteca. Recordo-me até de que me encontrava em cima da escada de mão, a limpar o retrato do visconde Wetherby, quando o meu patrão entrou, trazendo alguns volumes que, presumivelmente, tencionava recolocar nos respectivos lugares, nas prateleiras. Ao ver-me, aproveitou a oportunidade para me informar de que acabara, naquele preciso momento, de ultimar uns planos para regressar aos Estados Unidos durante um período de cinco semanas, entre Agosto e Setembro. Depois de me fazer esta comunicação, colocou os volumes em cima de uma mesa, sentou-se na chaise-longue e estendeu as pernas. Foi então que, olhando para cima, para mim, disse:

— Quero que entenda, Stevens, que espero que não fique fechado aqui, nesta casa, durante todo o tempo em

que eu estiver ausente. Por que não se mete no carro e vai a qualquer lado por uns dias? Tem ar de quem está a necessitar de uma folga.

Vinda assim, inesperadamente, confesso que não soube ao certo como responder a semelhante sugestão. Lembro-me de ter agradecido a Mr. Farraday a consideração, mas é muito provável que não tenha dito nada de verdadeiramente concreto, pois ele continuou:

— Falo a sério, Stevens. Realmente, penso que devia ter uma folga. Encarrego-me das despesas com a gasolina. Como é que vocês, que passam a vida fechados nestas casas enormes, têm alguma vez a oportunidade de ver como é belo o vosso país?

Não era a primeira vez que o meu patrão aludia ao assunto. Para ser franco, creio que se trata de uma coisa que o preocupa genuinamente. Naquela ocasião, ali empoleirado na escada, veio-me à ideia responder que nós, os da nossa profissão, embora não víssemos muito o país, no sentido de viajarmos pela província e visitarmos lugares pitorescos, «víamos», de facto, mais da Inglaterra do que a maioria das pessoas, em virtude de estarmos empregados em casas onde se reuniam senhoras e cavalheiros da mais elevada condição da nossa terra. Mas, claro, não poderia dar uma resposta destas a Mr. Farraday sem enveredar por aquilo que corria o risco de parecer um discurso presunçoso. Contentei-me, pois, com dizer, simplesmente:

— Tive a honra de ver o melhor da Inglaterra ao longo dos anos, *sir*, no interior destas mesmas paredes.

Mr. Farraday não pareceu compreender o sentido das minhas palavras, pois insistiu:

— Falo a sério, Stevens. Não está certo que um homem não possa ver o seu próprio país. Aceite o meu conselho, saia daqui durante uns dias.

Como devem calcular, não tomei, de modo algum, a sério a sugestão de Mr. Farraday naquela tarde; considerei-a apenas mais um exemplo do desconhecimento, natural num cavalheiro americano, do que vulgarmente se fazia e não fazia em Inglaterra. O facto de a minha atitude para

com essa mesma sugestão se ter modificado nos dias que se seguiram — e até de a ideia de uma viagem ao West Country se ter instalado com firmeza crescente nos meus pensamentos — deve-se, sem dúvida — porque haveria de ocultá-lo? —, substancialmente, à chegada da carta de Miss Kenton, a sua primeira carta em quase sete anos, se não contarmos os cartões de boas-festas. Permitam, porém, que esclareça desde já o que quero dizer com isto, e que é o seguinte: a carta de Miss Kenton desencadeou uma sucessão de pensamentos relacionados com questões profissionais, aqui em Darlington Hall, e devo frisar que foi a minha preocupação com essas mesmas questões profissionais que me levou a reconsiderar a bem-intencionada sugestão de Mr. Farraday. Mas dêem-me licença de que explique com mais pormenores.

O caso é que nos últimos meses tenho sido culpado de uma série de pequenas falhas no desempenho dos meus deveres. Devo dizer que essas falhas foram, sem excepção, perfeitamente insignificantes em si mesmas. Não obstante, creio que compreenderão que, para uma pessoa que não estava acostumada a cometê-las, o facto se revestiu de um aspecto assaz perturbador, e comecei, confesso, a alimentar toda a espécie de teorias alarmistas quanto à sua causa. Como sucede com tanta frequência nestas situações, tornaram-me cego para o evidente, quer dizer, cego até a minha ponderação sobre as implicações da carta de Miss Kenton me ter, finalmente, aberto os olhos para a verdade mais simples: o sinistro das pequenas falhas dos últimos meses derivava apenas de um esquema de pessoal deficiente.

É, evidentemente, responsabilidade de todo o mordomo dedicar o máximo cuidado à elaboração do esquema de pessoal. Sabe-se lá quantas desavenças, falsas acusações, despedimentos evitáveis, até mesmo quantas carreiras promissoras abruptamente terminadas, podem ser atribuídos ao desleixo de um mordomo na fase de elaboração de um esquema de pessoal! Posso afirmar, na verdade, que concordo inteiramente com aqueles que dizem ser a competência para elaborar um bom esquema de pessoal a

pedra angular das aptidões de qualquer mordomo decente. Eu próprio elaborei muitos esquemas de pessoal ao longo dos anos, e não creio ser excessivamente jactancioso se disser que foram muito poucos os que necessitaram de correcção. E, se, no caso presente, o esquema de pessoal sofre de alguma deficiência, a culpa não pode ser atribuída a mais ninguém senão a mim. Ao mesmo tempo, porém, manda a justiça que chame a atenção para o facto de, neste caso, a minha tarefa se ter revestido de uma dificuldade invulgar.

O que se passou foi o seguinte. Uma vez concluídas as transacções — transacções que tinham retirado esta casa das mãos da família Darlington ao fim de dois séculos —, Mr. Farraday deu a conhecer que não começaria a residir imediatamente aqui, mas que passaria mais quatro meses a arrumar uns assuntos nos Estados Unidos. Entretanto, tinha grande empenho em que o pessoal do seu antecessor — pessoal a respeito do qual ouvira grandes louvores — permanecesse em Darlington Hall. O «pessoal» a que se referia mais não era, evidentemente, do que a equipagem-esqueleto de seis pessoas mantida pelos familiares de Lord Darlington para tomar conta da casa até às negociações e ao longo delas, e lamento ter de dizer que, uma vez concluída a aquisição, pouco pude fazer para evitar que todos, com excepção de Mrs. Clements, se fossem embora para outros empregos. Quando escrevi ao meu novo patrão a comunicar-lhe o meu pesar pela situação, recebi, em resposta, da América, instruções para recrutar novo pessoal «digno da ilustre antiga casa inglesa». Comecei, acto contínuo, a tentar satisfazer os desejos de Mr. Farraday, mas, como sabem, encontrar pessoal de categoria satisfatória não é, nos tempos que correm, tarefa fácil, e, embora estivesse satisfeito por ter contratado Rosemary e Agnes por recomendação de Mrs. Clements, não conseguira ir mais longe do que isso quando chegou a ocasião do meu primeiro encontro profissional com Mr. Farraday, durante a curta visita preliminar que nos fez na Primavera do ano passado. Foi nessa altura — no gabinete, estranhamente

nu, de Darlington Hall — que Mr. Farraday me apertou a mão pela primeira vez, mas então já dificilmente se poderia dizer que fôssemos desconhecidos um para o outro; independentemente da questão do pessoal, o meu novo patrão tivera, em várias outras ocasiões, ensejo de apelar para as qualidades que porventura terei a sorte de possuir e de verificar, ousou supor, que podia contar com elas. Foi por isso, presumo, que se sentiu imediatamente à vontade para falar comigo de uma maneira prática e confiante, e, quando o encontro terminou, entregou-me a administração de uma quantia que não era de desprezar a fim de custear as despesas de uma vasta gama de preparativos para a sua próxima residência. Mas onde queria chegar era ao facto de que foi no decurso desse encontro que, quando levantei a questão da dificuldade em recrutar pessoal adequado nos tempos que correm, Mr. Farraday, após um momento de reflexão, me fez o seu pedido, ou seja, que fizesse tudo quanto estivesse ao meu alcance para elaborar um esquema de pessoal — «uma espécie de escala de criados», como disse — que permitisse que esta casa pudesse funcionar com os quatro empregados de que presentemente dispunha, isto é, Mrs. Clements, as duas raparigas e eu próprio. Isso podia significar, não o ignorava, colocar algumas divisões da casa «debaixo de lençóis», mas estaria eu disposto a fazer uso de toda a minha experiência e perícia para assegurar que essas perdas fossem reduzidas ao mínimo? Recordando-me de uma ocasião em que tivera sob as minhas ordens uma equipa de dezassete subordinados, e sabendo que, não havia ainda muito tempo, tinham trabalhado aqui, em Darlington Hall, vinte e oito pessoas, a ideia de elaborar um esquema segundo o qual a mesma casa ficasse aos cuidados de apenas quatro parecia, pelo menos, atemorizadora. Embora me tivesse esforçado por evitá-lo, devo ter denunciado algum cepticismo, pois Mr. Farraday acrescentou, como se quisesse tranquilizar-me, que, se fosse necessário, se poderia contratar mais uma pessoa, mas que ficaria muito agradecido, repetiu, se se pudesse «resolver o problema com os quatro».

Naturalmente, como muitos de nós, tenho uma certa relutância em mudar excessivamente os costumes antigos. Todavia, considero que não existe mérito nenhum em nos aferrarmos, como alguns fazem, à tradição pela tradição. Nesta era da electricidade e de sistemas de aquecimento modernos não há necessidade absolutamente nenhuma de contratar o número de empregados que ainda eram precisos há uma geração. Na realidade, tem sido mesmo minha opinião, há já algum tempo, que a manutenção de um número desnecessário de empregados simplesmente por amor à tradição — do que resulta disporem de uma quantidade de tempo livre pouco salutar — tem constituído um factor importante do acentuado declínio dos padrões profissionais. Além disso, Mr. Farraday tornara claro que só muito raramente tencionava promover o tipo de grandes reuniões sociais de que Darlington Hall fora, com tanta frequência, palco no passado. Entreguei-me, pois, com empenho à tarefa que me confiara; passei muitas horas a trabalhar no esquema de pessoal, e pelo menos outras tantas a pensar nele, enquanto desempenhava as minhas outras funções ou permanecia acordado, depois de me retirar. Sempre que me convencia de que conseguira alguma coisa, estudava-a, em busca de qualquer espécie de omissão, e examinava-a sob todos os aspectos. Finalmente, elaborei um esquema que, embora não fosse, talvez, exactamente o que Mr. Farraday pedira, era o melhor, tinha a certeza, que humanamente se podia conseguir. Quase todas as partes atraentes da casa podiam permanecer operacionais: os vastos alojamentos dos criados — incluindo o corredor de serviço, as duas despensas e a antiga lavandaria — e o corredor dos convidados, no 2.º andar, seriam cobertos com lençóis, abandonando todas as salas principais do rés-do-chão e um número generoso de quartos de hóspedes. Claro que a presente equipa de quatro só conseguiria dar conta do recado com o reforço de algum pessoal a dias. O meu esquema previa, portanto, os serviços de um jardineiro, uma vez por semana — duas no Verão —, e duas empregadas de limpeza, duas vezes por semana

cada uma. Apesar disso, o esquema significaria, para cada um dos empregados residentes, uma modificação radical das respectivas tarefas habituais. As duas novas raparigas, segundo as minhas previsões, não julgariam muito difícil acomodarem-se a tais mudanças, mas fiz tudo quanto me foi possível para que Mrs. Clements fosse atingida o menos possível, ao ponto de reservar para mim um certo número de tarefas que, como provavelmente acharão, só um mordomo muito liberal aceitaria.

Nem mesmo agora iria ao ponto de dizer que se trata de um mau esquema de pessoal. No fim de contas, permite que uma equipa de quatro desempenhe uma quantidade inesperada de tarefas. Mas concordarão, estou certo, com que os melhores esquemas de pessoal são os que contam com claras margens de erro, prevendo os dias em que um empregado está doente ou, por qualquer motivo, aquém das suas capacidades. Neste caso especial, fora incumbido, claro está, de uma tarefa ligeiramente fora do vulgar, mas, não obstante, não cometera a negligência de não incorporar «margens» sempre que possível. Estava particularmente consciente de que alguma resistência que porventura surgisse da parte de Mrs. Clements, ou das duas raparigas, quanto a aceitarem tarefas que ultrapassassem os seus limites tradicionais, seria agravada por qualquer ideia, da parte delas, de que as respectivas cargas de trabalho tinham aumentado muito. Por isso, durante os dias em que me debati com a elaboração do esquema de pessoal dediquei uma quantidade significativa do meu pensamento ao esforço para assegurar que Mrs. Clements e as raparigas, uma vez vencida a sua aversão a aceitarem aqueles papéis mais «eccléticos», achassem a divisão de tarefas estimulante, e não fatigante.

Temo, no entanto, que, na minha ânsia de obter o apoio de Mrs. Clements e das raparigas, não tenha avaliado com igual rigor as minhas limitações. E, embora a minha experiência e habitual cautela em tais questões tenham impedido que me atribuisse mais do que podia realmente desempenhar, fui porventura negligente na questão de

contar com uma margem no que a mim respeitava. Não surpreende, portanto, que ao longo de vários meses essa omissão se revelasse nessas coisas pequenas, mas elucidativas. Enfim, estou convencido de que a questão não é mais complicada do que isto: atribuíra-me demasiado que fazer.

Podem admirar-se de que uma deficiência tão óbvia num esquema de pessoal tenha continuado a escapar ao meu conhecimento, mas não deixarão de concordar que isso acontece amiúde com assuntos em que pensamos persistentemente durante um certo período de tempo; não nos damos conta da verdade enquanto esta não nos é mostrada, acidentalmente, por qualquer acontecimento exterior. Foi o que aconteceu no caso vertente; quero eu dizer, a recepção da carta de Miss Kenton, contendo, a par de passagens extensas e não reveladoras, uma inequívoca nostalgia por Darlington Hall e — tenho absoluta certeza disso — insinuações claras do seu desejo de voltar para cá, obrigou-me a rever o esquema de pessoal. Só então se me tornou claro que existia, realmente, um papel que um novo membro da nossa equipa poderia representar de modo crucial e que tinha sido, efectivamente, essa escassez que estivera no centro de todos os meus problemas recentes. E, quanto mais pensava no assunto, tanto mais evidente se tornava que Miss Kenton, com o seu grande afecto por esta casa, com o seu profissionalismo exemplar — de uma qualidade quase impossível de encontrar hoje em dia —, era precisamente o factor necessário para me permitir completar um esquema de pessoal inteiramente satisfatório para Darlington Hall.

Feita esta análise da situação, não tardei a dar comigo a reconsiderar a sugestão amável de Mr. Farraday alguns dias antes. Pois viera-me ao espírito que a proposta viagem de carro poderia ser utilizada de modo profissionalmente útil, ou seja, que podia ir de carro ao West Country e visitar Miss Kenton de passagem, aproveitando para explorar em primeira mão a substância do seu desejo de voltar a trabalhar em Darlington Hall. Devo esclarecer que reli várias vezes a recente carta de Miss Kenton e